



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

**Luís Henrique Passos Nascimento**

**PANORAMA GERAL DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO E MARGINALIZAÇÃO DA  
CULTURA PAGÃ NO IMPÉRIO ROMANO (SÉCULOS I-IV D.C)**

**Rio de Janeiro**

**2021**

**Luís Henrique Passos Nascimento**

**PANORAMA GERAL DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO E MARGINALIZAÇÃO DA  
CULTURA PAGÃ NO IMPÉRIO ROMANO (SÉCULOS I-IV D.C)**

**Monografia apresentada à Escola Politécnica de  
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo  
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial  
para aprovação no Curso Técnico em Análises  
Clínicas.**

**Orientador (a): André Vianna Dantas**

**Rio de Janeiro**

**2021**

*Dedico esse trabalho a meus ancestrais que em estado de incandescência simbolizam um grupo oprimido da população.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional, oportunidade de aprendizado e por entender a necessidade de ter um olhar crítico para sociedade e ciência.

Agradeço ao meu orientador André Vianna Dantas, do Laboratório de Formação Geral na Educação Profissional em Saúde (LabForm), que ajudou na minha construção de pensamento, que pacientemente me orientou e auxiliou durante a construção deste projeto.

Agradeço em especial minha mãe, Elisangela Lima Passos Nascimento, e meu pai, Manuel Gildo Alves Nascimento, que estiveram junto a mim durante toda minha caminhada, me apoiando, incentivando e orientando quando necessário, além de me darem um grande suporte emocional nestes tempos conturbados, acreditando em mim e ajudando nos momentos de necessidade.

Agradeço aos meus amigos que compartilharam seus saberes e me ajudaram nesta jornada de pesquisa e escrita, dando, também, apoio e incentivo emocional durante a realização deste projeto.

Agradeço à todos professores que me ensinaram a desenvolver um pensamento crítico e fazerem trilhar o caminho do conhecimento científico, tomando cuidado quanto a desinformação.

E agradeço, também, especialmente Samira Kamel Ali Harfouche e Sergio Santos de Andrade Dias que foram de grande importância no caminhar da minha vida acadêmica, me auxiliando durante toda essa trajetória tornando, assim, possível meu desenvolver. Agradeço, também, por ambos acreditarem em mim e ajudarem na minha trajetória.

*“ Não se honra a  
cultura comemorando  
o genocídio”*  
(Martin Luther King)

*“O homem é um  
louco; não pode fazer  
um verme e,  
entretanto, faz deuses  
às dúzias”*  
(Michel Montaigne)

## RESUMO

Este estudo busca estabelecer um panorama geral por meio de artigos e textos literários como o Cristianismo se estabelece como a religião central no Império Romano, através de processos de censuras, violência e ainda se apropriando de características das culturas ditas “pagãs”. Explicar como é a formação de uma cultura em uma sociedade multicultural e que o processo de sincretismo é um fator crucial para a formação das mesmas. Adicionalmente, é analisado criticamente, também, o termo “paganismo”, de forma a explicar sua ineficiência em agrupar um montante do que seria considerada cultura *pagã*.

**Palavras-chave:** paganismo, cristianismo, bruxaria.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>CAPITULO 1- O PAGANISMO, SURGIMENTO E A DESMITIFICAÇÃO. E COMO ESSES CULTOS ERAM E SÃO LIDOS.....</b>	<b>16</b>
<b>ORIGEM DO ANIMISMO E A PRÁTICA POLITEÍSTA.....</b>	<b>17</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PAGANISMO ROMANO.....</b>	<b>19</b>
<b>NEOPAGANISMO, PRÁTICA PAGÃ NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 2- O CRISTIANISMO, DA SUA PERSEGUIÇÃO À SUA ASCENSÃO NO IMPÉRIO ROMANO NOS PRIMEIROS IV SÉCULOS DEPOIS DE CRISTO.....</b>	<b>23</b>
<b>DA PERSEGUIÇÃO DO CULTO CRISTÃO À ASCENSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>QUANTO AOS RITOS, IMAGENS E ASPECTOS RELIGIOSOS CRISTÃOS NOS PRIMEIROS IV SÉCULOS D.C.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Quando se pensa na formação de uma nova cultura em uma sociedade multicultural é sempre perceptível um processo de sincretismo entre determinadas ideias. Onde há uma relação de dominante e dominado, sendo que a cultura sujeita à dominação comumente utiliza-se de aspectos da dominante para que possa ter continuidade, sendo esse ato como forma de resistir a opressão da cultura dominante. Tal processo pode ser observado na formação de culturas afro-brasileiras, já que estas têm certas características do Cristianismo, onde figuras santas possuem uma ressignificação. Exemplos disso são Cosme e Damião, que na perspectiva Católica, eles eram médicos que foram mortos pelo Imperador romano Deocleciano em meados dos anos 300 por propagarem a fé cristã e foram canonizados pelo Papa Felix IV. Enquanto na fé afro-brasileira Cosme e Damião são os orixás conhecidos como Ibejis, ou Êres, filhos de Xangô e Iansã (TAVARES, 2014). Segundo Josué Tomasini Castro, em “Discursos Herero Sobre Uma África Cristã”, sincretismo é uma simbiose entre culturas, sendo elas passíveis a sofrerem adaptações, ou fusões, e dependendo da forma que as culturas se interagem pode haver uma sobreposição, ou pode ocorrer determinados confrontos, sejam violentos, ou não (CASTRO apud FERRETTI, 2007). Neste estudo será visado o processo histórico através do qual o Cristianismo, que inicialmente era tratado como cultura dominada, faz uso do processo de sincretismo (como forma de resistência a princípio e posteriormente como um artifício opressor as demais religiões presentes em Roma) e apropria-se das culturas consideradas *pagãs*- estas que estavam em uma perspectiva dominante- e passam a ser vistas como culturas dominadoras. Este processo ocorre, originariamente, em Roma no século IV (FERRETTI, 2007).

Tendo em vista o que foi antes articulado e explicado, é possível entender o porquê da importância de realizar tal estudo. Pois é necessário compreender que muitos aspectos culturais, filosóficos e religiosos são derivados de culturas de origem *pagãs*. E como processos históricos, sejam de caráter religioso ou político, apropriaram-se do “paganismo”, utilizando de muitas características culturais do mesmo e em seguida marginalizaram-no. Processos violentos, como derrubada de templos, caçada religiosa de “pagãos”, a censura, ou mesmo processos sociais não violentos propriamente ditos, como a ressignificação, a negação da existência de culturas legítimas antes do Cristianismo são importantes aspectos que devem ser estudados. Perceber como esses processos ecoam na atualidade de forma a deformar a significação de “paganismo”, de modo a transparecer uma ideia única e negativa de um montante de culturas ditas “pagãs” que não se

encaixem um só termo. Mostrar que apesar da censura e do violento confronto entre cristãos e “pagãos” houve grande resistência da população e ambas culturas, onde resistiram às barreiras criadas pelos líderes políticos.

Um modo de trazer esse debate para atualidade pode ser dado como exemplo, formas de diálogos e manifestações artísticas nos quais fazem discursos e representações que reafirmam os pensamentos precipitados que se tem do culto “pagão”, de maneira a reforçarem estereótipos sobre o tal. O filme “The Wicker Man” (2006), pode ser dado como exemplo para esse fenômeno de reiteração de estereótipos “pagãos”, pois nele é apresentado o que seria uma sociedade matriarcal regida por um culto “pagão”. Sendo este (a) culto/ religião fundamentado em sacrifícios humanos para oferta às deidades pagãs, e relacionando essas deidades a figuras demoníacas (LANGER e CAMPOS, 2007). Outros exemplos para esses fenômenos são pinturas nas quais tentam representar e idealizar o que seriam os “pagãos”, obras como: *Herne, o caçador* (1843), de George Cruikshank e *A lâmpada do Diabo* (1797), de Goya. Essas pinturas fazem relação do conceito do culto “pagão” ao que seriam caracterizados de bruxaria, sendo que esta era representada em imagens grotescas e perturbadoras (RUSSEL et al, 2019).

O processo histórico vinculado à divisão política e religiosa em Roma dos séculos I ao IV, entre “pagãos” e cristãos, carrega marcos que ecoam até os dias de hoje e se expressam na percepção e na constante negativa de legitimidade que o ideal “pagão” traz consigo. Um pensamento no qual está vinculado a um estereótipo que tenta moldar o que seria ‘paganismo’, mas tal molde não seria de maneira a agregar um pensamento para que este ascenda perante a sociedade, mas sim para que o mesmo se deprecie. Eventos como a Inquisição<sup>1</sup>, que perseguia praticantes de costumes não-cristãos, que a princípio tinham como pena somente a excomunhão da igreja, mas com o passar do tempo passaram a experimentar penas mais cruéis, como tortura, condenação à

---

<sup>1</sup> A Inquisição foi um movimento no qual visava perseguir e atacar pessoas que não praticavam o costume cristão, sendo essas intituladas como hereges. Teve início no século XII, tendo o primeiro registro em 1184 na França. Em sua primeira aparição, a Inquisição tinha sua atuação mais branda de forma que a punição para quem não fosse seguidor da fé cristã era dado em forma de penitências e tais penas eram dadas pelos príncipes locais. Contudo, a partir do próximo século esse evento, já mais estruturado, considerava que todo ato de desrespeito a fé cristã era considerado crime civil. Em 1252, foi permitido desenvolver o uso de torturas pelos inquisidores em interrogatórios. O acusado também poderia ter seus bens confiscados pela Igreja, e ser condenado a morte na fogueira. Vale ressaltar que a Inquisição espanhola (1478-1834) e portuguesa (1536-1821) tiveram uma intensa perseguição aos judeus e mulçumanos. (Guia da Inquisição: *A Arma Fatal da Igreja Católica*, 2016). Em 1559 foi publicado o “Índice dos livros proibidos”, neste índice a Igreja decretava os livros que eram proibidos a leitura, livros que ela julgava questionadores da doutrina cristã. (On Line Editora, 2016). A inquisição teve seu fim somente no século XIX, pois a instituição cristã foi perdendo seu poder nas decisões políticas. (Guia da Inquisição: *A Arma Fatal da Igreja Católica*, 2016).

força e a morte na fogueira, tendo como suas vítimas pessoas denominadas “bruxas”. Os termos *bruxa*, bruxaria, inclusive, possuía muitos significados dependendo da perspectiva analisada. Na perspectiva da visão antropológica, onde a bruxa quer dizer alguém que pratica feitiçaria; a bruxa na perspectiva histórica europeia, estas eram adoradoras do diabo, Satã, e noutro ponto de vista a definição do praticante que é a bruxa como adoradora de Deuses e Deusas pré-cristãs, sendo ela como uma forma de sobrevivência do culto “pagão” (RUSSEL et al, 2019).

As culturas “pagãs” têm uma significativa atuação na construção da religiosidade atual, visto que movimentos religiosos, feriados, festejos, ritos, crenças são derivados, apropriados e ressignificados dessas culturas. Pois quando se pensa em cultura é necessário estabelecer relações de poderes, sejam sociais, econômicas ou políticas. Tendo em vista que a legitimação de uma determinada cultura dependerá da classe social que essa pertence, pois como ocorre em processos de marginalização de culturas, a classe menos influente que terá seu culto diminuído e marginalizado, dito como folclore. Tendo como definição que folclore é uma crença, ou culto visto como ultrapassado, um resíduo do passado, uma ideologia estagnada no tempo e já desmitificada. Assim como o folclore é um termo idealizado como forma de reafirmar o poder da camada superior da sociedade sobre a inferior. O âmbito da cultura é marcado por muitos conflitos históricos, seja por disputas de poderes, ou não. Cultura está atrelada a vários processos e mudanças, não há culturas estagnadas. Segundo Edward Thompson, um historiador inglês, em “*Costumes em comum- ‘costume e cultura’*” cultura é um conjunto de saberes e trocas que a sociedade humana produz e transmite e transpassa geração em geração, sejam transmitidos por via oral, ou escrito. Exemplo de produções podem ser as representações/ preparações de ritos, simbolismos e o termo “cultura” pode ser relacionado com o termo costume já que estes são produções geracionais, ou seja, passados por gerações (THOMPSON, 1998).

## CAPÍTULO 1

### O PAGANISMO, SURGIMENTO E A DESMITIFICAÇÃO. E COMO ESSES CULTOS ERAM E SÃO LIDOS SOCIALMENTE

Neste primeiro capítulo serão abordadas temáticas que expliquem e exemplifiquem o que é o culto *pagão*. Aprofundar sobre o paganismo Europeu, dando ênfase em desconstruir o imaginário estereotipado sobre a crença *pagã*. Desmistificar o que seria a prática ao culto politeísta *pagão*, demonstrando os ritos, apresentando os ídolos e divindades cultuadas. E por fim, mostrar um paralelo de como tais religiosidade eram vistas e lidas socialmente em comparação com a contemporaneidade.

A princípio é necessário estabelecer o significado de “paganismo” e de “culturas pagãs”. Atualmente, *pagão* é um termo utilizado costumeiramente para designar pessoas, grupos sociais (exemplo seriam os hindus) que possuem práticas politeístas, a crença em múltiplos deuses. Porém é preciso ter cautela ao utilizar tal conceito, já que o mesmo abrange um montante de culturas que existiam antes do Cristianismo e passam a ser designadas “pagãs”. Como por exemplo, a cultura egípcia, a cultura grega, romana, hindu, celta, inca, entre outras. Ambas com divergências e pluralidades ao qual um termo não dá conta de dar significância para elas (SILVA, 2009). Para além disso, é preciso entender o que é o *paganismo* e o que circunda entorno deste culto e é preciso, também, compreender outra problemática que esta entorno deste termo, e para isso precisa-se fazer uma relação. A relação paganismo-bruxaria. Ambos termos e expressões religiosas-culturais estão intrínsecos quanto aos seus respectivos significados. A bruxaria pode ser lida como uma expressão religiosa atribuída ao culto de espíritos e divindades (independente da natureza deles, maligna ou não) e o uso deles para um determinado objetivo; na bruxaria segue diversas linhas tradicionais “pagãs”, fazendo interligações entre diversas culturas. Um exemplo disso seria a religião Wicca, que se expressa através de diversas culturas “pagãs”, com a romana, celta e grega (RUSSEL et al, 2019). Enquanto o *Paganismo*<sup>2</sup>, o culto de múltiplos deuses, uma prática politeísta, ou não cristã que segue uma única linha de expressão religiosa, não havendo interligação entre diversos cultos. Havendo assim, o paganismo romano, o paganismo egípcio, o paganismo hindu, entre outros, todos com linhas religiosas diferentes e plurais. Ambas religiosidades são relacionadas decorrente da

---

<sup>2</sup> Paganismo: termo que se origina do latim “pagani”, que significa “pessoa que mora no campo”. Tal termo se dá após o processo de expansão do Cristianismo na Europa, depois do século IV, onde com os praticantes de politeísmo e crenças não cristãs se concentravam no campo (BUCKLAND, 2019).

forma como são expressas pelos cultuadores, como são caracterizados seus objetos de adoração, e também, como os estereótipos atuam de forma a criar um ideal distorcido de como elas lidas (BUCKLAND, 2019).

Em uma sociedade majoritariamente cristã quando se define um *pagão* é comumente atribuído a ideia de um indivíduo sem religião, ou não batizado na igreja cristã. Ou seja, tal visão nega a prática *pagã*, limitando-a num ideal raso, e inconsistente. Pois não assume a relevância de tal culto, já que o limita ao pensamento de ser somente um estado de espírito ausente da fé cristã. (BUCKLAND, 2019; VENTURINI, 1996).

Com o conceito dualista cristão de haver sempre um lado do bem e um do mal, isso abre a possibilidade de desenvolver outro ideal. A polarização da fé. Enquanto o pensamento cristão prega a ideia de que seu culto adora um bem maior, uma força maior benigna. Há em outro momento a pregação de que o culto *pagão* adora um mal maior, uma força maior maligna. Mesmo que no culto *pagão* não há o pensamento dualista de bem e mal. Com tal direcionamento do que é a fé cristã e a fé *pagã*, é perceptível a mobilização e manipulação do pensamento popular. Pois esse discurso serve para reiterar a força cristã como autoridade religiosa central, que transfigura a percepção de determinadas fés e reforça um ideal estereotipado para restabelecer seu poder (FRANGIOTTI, 2006).

Tais termologias foram criadas por volta dos séculos de dominância e ascensão do Cristianismo, pois como ocorre nos processos de luta social e que se expressam em diferentes meios, como o da cultura, os grupos e frações que ascendiam, produziram marcações, divisões temporais para sugerir a existência de um novo que superaria um velho, isto é, a cultura cristã que se afirmava e as culturas religiosas anteriores a ela. Nesta temporalidade ocorreu um conflito político entre os cristãos e *pagãos* romanos, onde ambos queriam ter posse central do poder político em Roma, tal conflito foi repleto de atos violentos e censuras, por ambas as partes, onde o Cristianismo lutava por sua firmação e legitimação, enquanto o *paganismo* buscava a manutenção do seu domínio religioso em Roma. Decorrente disso, das inúmeras divergências e embates a população se encontrava dividida politicamente e religiosamente, ou seja, grosseiramente divididos nos que eram chamados de *pagãos* e os cristãos (ABRÃO, 1999).

Quando o Cristianismo assume a identidade de religião dominante em Roma no século IV, não foi um processo que se deu por imediato, pois tal processo acontece por conta de diversos fatores que influenciaram a reestruturação da sociedade romana. Crises abrangentes em diversas

áreas como: religiosidade, socialmente, econômica e política. Essas crises eram resultantes de fatores que estavam presentes do cotidiano romano; a crise religiosa se dá, por exemplo, através dos conflitos entre os *pagãos* e os cristãos. Disputa essa que é mostrada neste projeto. Ademais, essas crises (religiosa, política, econômica) fizeram com que a sociedade romana se reestruturasse. Uma reestruturação era um modo de se adaptar ao período conflituoso em Roma, conflitos esses marcados por disputas políticas e séries de revoltas do povo. Para que isso foi necessária uma redistribuição de poderes, mas esse estudo irá focar na redistribuição do poder religioso. Esta redistribuição do poder religioso tornaria algumas crenças, antes limitadas, em fatores hegemônicos e constitutivos da nova sensibilidade religiosa marcante desta temporalidade. Esse novo poder religioso não estava para quebrar o paradigma religioso romano, pois tal (o cristianismo) já estava familiarizado ao imaginário romano, ainda mais que tal inserção não foi de maneira abrupta e nem repentina. Tal processo reestabelece as relações multiculturais presentes em Roma, onde o Cristianismo assumia a identidade da religiosidade secundária, marginalizada, dominada de Roma, e sendo o *Paganismo* a religiosidade que precedia a relação dominante, primária e este processo faz com que tal interação multicultural se altere e os papéis de ambas culturas troquem. O *paganismo* assume após tal processo, um papel de religião secundária ao imaginário romano e passa a ser perseguido e marginalizado pelo Cristianismo. Isso através de articulações e filiações políticas nas quais favoreciam o novo poder religioso dominante, o Cristianismo (CRUZ, 2010).

Na religiosidade cristã tardo antiga, em torno dos anos 300, século III, IV, Roma marca um precedente no qual é a percepção de uma divindade única e onipotente. Sendo esse um ideal oriundo de um conceito judaico, no qual caracteriza o monoteísmo, sendo assim, é possível identificar a presença do processo de assimilação do culto judaico, - tal processo pode ser identificado, também, com relação ao *paganismo* (contudo, neste caso as assimilações são derivadas de processos sociais conflitantes, onde o Cristianismo como modo a adaptar ao imaginário romano, cria elementos culturais derivados de aspectos antigos) (CRUZ, 2010). Mas vale lembrar que, assim como em outros processos sincréticos, o sincretismo religioso se dá, também, como transformação e adaptação cultural, aplicando aspectos culturais diversos com conceitos antigos, gerando assim novas percepções. Não somente ocorrendo através de conflitos e opressão, mas também, por fatores que se dão como forma “evolução”/ continuação. Como se toda cultura estive em constante mudança e adaptação dependendo dos elementos sociais/culturais emergentes.

Por consequência do processo no qual o Cristianismo se torna a religiosidade central em Roma, no século IV, a cultura *pagã* foi perdendo espaço político e social na sociedade romana. Pois a mesma sofreu um processo de marginalização e esquecimento constante, onde o novo poder dominante romano firmava-se e com isso as antigas formas de poderes dominantes continuamente foram perdendo seus espaços no âmbito social e político romano. Além que a Igreja dá início ao processo de silenciamento/incorporação da crença *pagã*, onde ela se apropriava de crenças, festivais e rituais pré-cristãos e os transfiguravam de modo a serem identificados como seus. Marcando como nova forma de poder, instituindo seu domínio como cultura emergente e nova sobre o domínio de uma cultura em declínio e antiga/ passada. Essa forma de marcar sua presença como um marco temporal se dá com o uso do termo *pagão*, como articulado anteriormente, onde esse uso da palavra vem como marco de um novo sobre um velho. Outro modo de firmar dominância da igreja cristã nos séculos IV, V era a propagação da igreja cristã na Europa, não somente no Império, onde a mesma propagava o ideal de uma religião universal e verdadeira. A ascensão do poder religioso cristão se deu por diversos motivos. Teve a crise agravante no Império romano decorrente de conflitos internos e externos. Teve as articulações e assimilações culturais promovidas pelo Cristianismo. O fim da perseguição do culto cristão no século IV. Além do apoio do imperador Constantino, este cristão, ele promoveu a propagação e familiarização do culto cristão no imaginário romano. E por fim, no governo de Constâncio II, em 356, houve o decreto no qual promovia a proibição do culto pagão em Roma. Metodologia essa adotada para reforçar a dominância cristã, estabelecer a nova relação cultural e por consequência expandir seu alcance para atingir novos fiéis. Para além da violência propriamente dita, ocorreu a desmitificação, a releitura do que seria a crença “pagã” e seus seguidores através de uma razão, um raciocínio cristão. Exemplo disso seria a carta “*Contra Juliano*”, escrita por Gregório Nazianzeno, entre os anos 364 e 365, um romano cristão, ele faz uma crítica do que seria a moral, o caráter e a índole seguida pelos ditos “pagãos”. Pois segundo ele, a filosofia pagã é destacada por aspectos morais ambiciosos, por intolerância, vingança e são movidos por desejos e fúria. Além de tratar das representações dos deuses como ídolos e demônios; posteriormente o mesmo enaltece a filosofia cristã e o cristão, pois descreve tal seguidor com aspectos de Cristo, sendo generoso e justo. Além disso, Nazianzeno faz críticas diretas a Juliano, último imperador romano pagão, onde afirma que ele por ser “pagão” ele era declinado ao mal (LEMOS, 2012).

Para entender como o culto cristão assume o título de religião oficial de Roma é necessário entender, primeiro, como o culto “pagão” passa por um processo de dessacralização e deslegitimação de seus ídolos religiosos, templos, deuses e ritos tendo em vista que o mesmo estava em uma relação multicultural entre o Cristianismo. Para isso é preciso articular como estava a situação política, social e econômica de Roma entre os séculos I ao IV. No início do processo de evangelização da fé romana no século I, o principal discurso ideológico não era de formar uma força política rival ao “paganismo”, no caso não subjetivamente, e sim de unificar todos os povos, e construir uma sociedade fundamentada na fé cristã e na ideia de um único Deus. Na tentativa de firmar alianças políticas em Roma no século I, Paulo de Tarso, um importante propagador da fé cristã, escreve uma epístola na qual afirma que a autoridade/poder do Imperador, naquele período era Nero, estava atrelada em uma relação de uma escolha divina, neste discurso Paulo afirma: “cada qual seja submisso às autoridades constituídas, porque não há autoridade que não venha de Deus. Assim, aquele que resiste à autoridade opõe-se à ordem por Deus; e os que a ela se opõem se atraem entre si a condenação (...)” (Romanos. 13,1-3). Tendo em vista que naquela temporalidade, século I, o culto cristão era perseguido e censurado pelas autoridades romanas ditas “pagãs”, era necessário haver, então, articulações nas quais tentassem criar alianças políticas que favorecessem o culto cristão (SANTOS, 2015).

Contudo, tais articulações e tentativas de alianças não impediram que a igreja cristã sofresse processos de perseguições e censuras, no qual havia a restrição do culto cristão, derrubada dos templos, queima de bíblias. Os seguidores da tal eram privados de exercerem seus direitos cívicos, como direitos de dignidade, liberdade, também eram proibidos de participarem da política romana. Sendo isso durante todo período no qual o Cristianismo era visto como cultura marginalizada, percorrendo, assim, os quatro primeiros séculos depois de Cristo. Por consequência de tais perseguições e proibições, o culto cristão como de forma de resistência e divergência a tais decretos conflita com as autoridades romanas, defendendo seu direito de crer e propagar a fé cristã. Tais conflitos se estendiam em todo Império, sejam pequenos vilarejos às cidades. Tais confrontos incitariam uma crise no império romano, que abrangeria as áreas sociais, políticas e religiosas. Crise essa que atingiria diretamente a forma como eram realizadas as articulações políticas, como também, como os direitos básicos eram disponibilizados aos cristãos. Como visto antes, os direitos de dignidade e liberdade haviam sido revogados aos cristãos. O que obviamente geraria uma série de reclamações e conflitos sociais. E por consequência disso – e outros motivos- o Estado romano

entra em crise. Necessitando, assim, uma reformulação nas estruturas romanas, uma redistribuição dos poderes constituintes da sociedade romana (SANTOS, 2015).

Durante o governo de Constantino<sup>3</sup> (306-337) a Igreja aos poucos foi ganhando cada vez mais espaço na política do estado romano. Pois, com o apoio político de Constantino, que era cristão, a Igreja Cristã foi se sustentando no espaço político romano, integrando gradualmente nas representações políticas. Porém, não se deve pensar que durante o governo de Constantino o processo de evangelização romano foi sólido e consistente. Pois mesmo com o apoio político, somente depois da conversão ao culto cristão por outros imperadores que tal cultura foi possível receber mais destaque de modo a ser inserida à sociedade no âmbito social e político. Mas para isso foi de grande importância a forma como se articulou o ideal cristão, o qual teve que se adaptar de maneira a conciliar-se com diversos grupos sociais, desde camponeses à elite intelectual e financeira. Foi necessário então adaptar sua linguagem e articulações, e para isso foram utilizados aspectos da tradição “pagã” de modo a ampliar o alcance do culto cristão, incorporando características do culto “pagão” como estruturas de poemas, ensinamentos e parâmetros culturais (CRUZ, 2010). A forte relação entre o estado romano e a igreja cristã durante o governo de Constantino, ocasiona em certos conflitos relacionados a recusa da legitimidade da autoridade cristã por parte de cultos antecedentes a ela. Sendo eles os antigos mediadores do poder religioso e esses passam a negar a autoridade cristã. Então, em 313 foi assinado o Édito de Milão por Constantino, neste texto era decretado a liberdade a crença e tolerância a todos os cultos. Sendo isso um modo de cessar a perseguição ao culto cristão e firmar estabilidade a igreja. Para que esta estivesse em uma posição que possibilitasse seu estado de dominância religiosa. Após isso, a velocidade de conversão do povo romano ao cristianismo somente aumentou (SANTO, 2015).

Durante o governo de Teodósio, entre 379 a 395, o Cristianismo já tinha se firmado na política romana de modo a ser considerado o culto principal em Roma, e estar relacionado a alianças com imperadores e autoridades. Por consequência em 380 D.C foi declarado no Édito de Tessalônica que o Cristianismo era a religião oficial e legítima de Roma (CRUZ, 2010).

Neste primeiro capítulo será abordado temáticas que expliquem e exemplifiquem o que é o culto *pagão*. Aprofundar sobre o paganismo Europeu, dando ênfase em desconstruir o imaginário estereotipado sobre a crença *pagã*. Desmistificar o que seria a prática ao culto politeísta *pagão*,

---

<sup>3</sup> Durante parte do governo de Constantino, ele regia sob o sistema de tetrarquia. Sistema esse criado pelo Imperador Diocleciano, em 293, onde o Império Romano era dividido em quatro partes, e cada segmento de território era governado por um imperador, esses governantes eram chamados de “tetrarcas” (CARLAN, 2017).

demonstrando os ritos, apresentando os ídolos e divindades cultuadas. E por fim, mostrar um paralelo de como tais religiosidade eram vistas e lidas socialmente em comparação com a contemporaneidade.

## **ORIGEM DO ANIMISMO E A PRÁTICA POLITEÍSTA**

O estigma do culto *pagão* é derivado de inúmeros processos histórico-culturais nos quais reformulavam-se a perspectiva da prática *pagã*. E para entender como o culto *pagão* é apresentado atualmente é preciso, primeiramente, saber como surgiu tal prática religiosa, como se desenvolveu o culto as divindades e o porquê.

A prática politeísta<sup>4</sup>, segundo a antropóloga, historiadora e folclorista britânica Margaret Murray, em “The God of the Witches” (1931) começou a ser praticada na Era Paleolítica, há 25 mil anos atrás. Começou ela de forma primitiva com o humano paleolítico adorando/reverenciando certos aspectos da natureza. Sejam animais, plantas, rios ou montanhas. Para o ser humano primitivo cada ser, objeto, ou fenômeno natural possuía um espírito e uma finalidade. Essa forma de adoração primitiva foi denominada animismo (BUCKLAND, 2019). Animismo, segundo algumas definições é basicamente a mais primitiva forma de evolução cultural. Em 1866, Max Müller (cientista das religiões, linguista, orientalista e mitólogo alemão) publicou os seguintes artigos “On The Origin Of Language” e “The Religion Of Savages” (“Sobre a origem da linguagem” e “A religião dos selvagens” respectivamente), onde o mesmo afirma que as crenças primitivas seguiam três aspectos que caracterizam o marco zero de uma civilização, são esses: a teoria, a prática cultural e a tradução mitológica (MULLER, 1866 apud AGNOLIN, 2013). Porém, anos depois, Edward Burnett Tylor (antropólogo britânico) lança a obra “Primitive Culture”, nesta Tylor estabelece um conceito mínimo de uma religião. Que seria a crença em “seres espirituais”. Não deslegitimando culturas que não adoram/creem em determinados ritos, ídolos, divindades etc. Para Edward, o animismo é o conceito básico de religião, um conceito primitivo de crer (TYLOR, 1871 apud AGNOLIN, 2013).

---

<sup>4</sup> Politeísmo- politeísmo é a crença em uma pluralidade de divindades. As religiões politeístas creem em deuses, semideuses, ídolos, heróis, formam uma mitologia nutrida de características culturais/ folclóricas. Esses seres adorados apresentam características humanas, sejam físicas ou morais (SILVA et al, 2009) Deve-se distinguir politeísmo de paganismo. O invés *pagão* é decorrente de lutas sócias/ culturais nas quais englobam todo conceito de crença não cristã. Ou seja, crenças politeístas e crenças monoteístas, ou dualistas, são englobadas em *paganismo*. Enquanto o politeísmo engloba crenças em múltiplos deuses. Politeísmo não é o mesmo que *paganismo*, pois *paganismo* é um conjunto macro, enquanto politeísmo é um conjunto micro (SILVA et al, 2009).

O ser humano primitivo desenvolveu a prática ao culto a diversas deidades. Deidades essas que estavam relacionadas com as necessidades básicas para sobrevivência. Exemplo disso é a necessidade da caça, necessária para alimentação, vestimenta. Dessa necessidade fez com que o aspecto religioso primitivo iniciasse um culto a uma divindade relacionada a essa necessidade. O deus da caça. A representação dessa figura cultuada carregava consigo um par de chifres, pois a maioria dos animais caçados possuíam chifres. Como forma de adoração a essa divindade os humanos primitivos realizavam cerimônias nas quais um homem se vestia com a pele de um animal caçado, e representava tal deus como forma de agradecimento. Além da caça, havia outra necessidade básica para a alimentação, o cultivo. Decorrente disso houve o início ao culto a divindade vinculada à fertilidade (não somente fertilidade do solo, mas também, a fertilidade de mulher). O cunho dessa adoração era devido a necessidade da procriação, tendo em vista a alta taxa de mortalidade daquela época. E como forma de adoração a essa divindade era-se utilizado totens representativos da figura feminina. Tais totens/estatuetas tinham como características: uma mulher de seios e nádegas fartas, com um ventre volumoso (alusão à gravidez), vagina com tamanho exagerado. Sem contar que os rostos não possuíam definições e os braços eram pequenos e finos. Essas representações além de expressarem a feminilidade, também expressavam o corpo da mulher como algo sacro. Ou sagrado feminino, como é celebrado atualmente pelos adeptos ao *paganismo* (BUCKLAND, 2019). Essa deidade era a expressão da natureza como ser sacro, a Mãe Terra (mas uma vez o feminino sendo expresso como sacro). Um exemplo muito conhecido dessas estatuetas é a “A Vênus de Willendorf”, figura essa que possui em torno de 25-30 mil anos e que foi encontrada em Willendorf, na Áustria (RUSSEL et al, 2019).

### **CARACTERIZAÇÃO DO PAGANISMO ROMANO**

Com o desenvolver da humanidade, e surgimento de sociedades mais desenvolvidas e complexas, a forma do culto se tornou diferente. Porém não se desvinculou do aspecto religioso primitivo. Com divindades representantes de certos elementos da natureza e fenômenos naturais. À título de ilustração a sociedade grega e a romana, onde havia a crença politeísta, contudo com aspectos de crer diferentes. Porém, ambas as culturas estavam interligadas quanto aos deuses adorados, pois através de um processo de sincretismo o *paganismo* romano transfigurou a simbologia do *paganismo* grego (PINTO, 1997).

Apesar do culto *pagão* ser umas das mais primitivas expressões religiosas conhecidas isso não o isenta de passar por processos sincréticos. Como por exemplo, o sincretismo existente entre o culto *pagão* romano e o *pagão* grego. Deidades que na Grécia eram adoradas de um certo jeito, em Roma era diferente. Por exemplo, na Grécia, a deusa do amor era conhecida com Afrodite, em Roma era chamada de Vênus, ambas eram as mesmas, porém com designações diferentes. As transfigurações das representações das divindades gregas em Roma estavam atreladas ao sistema solar, cada divindade era designada um corpo celeste. Cada divindade grega era atrelada a um planeta na fé romana (RUSSEL et al, 2019).

A mitologia *pagã* romana chama atenção em alguns aspectos, pois há a ausência de uma mitologia própria, original. Os deuses romanos apresentam espectros burocráticos, desprovidos da humanidade características conhecidas do crer grego. Tendo em conhecimento que os aspectos característicos da mitologia grega é a humanidade dos deuses, é a demonstração que os deuses erravam, que possuíam falhas, mas sem perde seus status sacro. Com a crescente helenização<sup>5</sup> (entre os séculos IV e III a.C) da cultura romana é possível determinar que esse processo pode estar atrelado com o desaparecimento da reflexão mitológica romana (sem o aspecto grego vinculado). Porém, esse desaparecimento não se dá por completo, pois ao domínio de Júpiter, Marte e Quirino<sup>6</sup> é transfigurado ao plano humano, estruturando, assim, todos os relatos mitológicos/ históricos sobre os primeiros tempos da realeza romana. Em comparações dos ritos romanos com outros ritos existentes no mundo indo-europeu é observado que eles seguiam uma ordem, cujo entendimento é somente encontrado quando se tem compreensão da narrativa mitológica. Ou seja, é possível afirmar que o *paganismo* romano possuía um sistema mitológico próprio. O que reforça o ideal de que após o processo de helenização em Roma o *paganismo* romano precisou passar por um processo sincrético. No qual pegava-se aspectos do crer grego e o tornava seu (PINTO, 1997).

A retorica do *paganismo* romano decorre através de inúmeros processos políticos que visavam o poder e a conquista territorial. O aspecto religioso *pagão* romano traz consigo a própria confirmação desse fato. A religiosidade *pagã* romana carrega consigo facetas religiosas nas quais rementem relações interculturais com teor de sincretismo cultural. O *paganismo* romano expressa

---

<sup>5</sup> Helenização- termo usado para associar a diluição e expansão da cultura grega antiga. A resultante desse processo foi a assimilação dos elementos gregos em convergência com outras culturas. A helenização é atrelada a adoção da cultura grega e a homogeneização étnica e cultural da Grécia em territórios indo-europeus. O período do processo de helenização aconteceu durante o período homônimo, no reinado de Alexandre, o Grande, creca de 329 a.C.

<sup>6</sup> Nos primeiros textos escritos sobre a religiosidade romana eram apresentados inúmeros ritos, como as Matralia e figuras divinas, exemplos dessas figuras seriam o Quirino.

em sua essência o *paganismo* grego, que transfigurado constitui a mais importante expressão religiosa *pagã* romana. O culto celebrado discorre de aspectos e características nas quais se concretizam através simbioses culturais. Onde o culto romano “suga” para si os espectros religiosos gregos. Tanto na constituição dos templos religiosos, quanto nos ritos, nas orações, nos sacrifícios e nas divindades.

Para os gregos os astros eram vistos como algo divino/sacro. Com a expansão do helenismo pela Europa tal credo foi se integrando aos poucos na religiosidade romana. No antigo panteão romano, havia o culto ao Sol Indiges do Querinal, porém não tanta repercussão e adeptos. Enquanto isso, antes da sincretização do paganismo grego pelo romano, as formas que as divindades gregas eram cultuadas se divergiam das representações romanas, pois se negava-se o culto aos astros celestes, as religiões astrais. Somente quando há uma influência das religiões dos caldeus<sup>7</sup> que há a integração das divindades celestes/astrais no panteão das divindades da natureza (FRANGIOTT, 2006).

## **NEOPAGANISMO, PRÁTICA PAGÃ NA CONTEMPORANEIDADE**

O neopaganismo é um movimento sociocultural que surge em torno do século XIX na Europa, no qual busca a reconstrução do ideal *pagão* pré-cristão. O neopaganismo aborda variantes do *paganismo* tradicional e as trazem para a contemporaneidade com um ideal modificado. Segundo Jeffrey B. Russel em “História da Bruxaria”, a perspectiva da bruxaria moderna é derivada da vivência do *paganismo*. Ou seja, a bruxaria moderna é derivada da sobrevivência do antigo *paganismo* prático, e ritualístico. O movimento neopagão é bastante plural, pois é influenciado por uma gama de crenças, tal como o animismo, o panteísmo, o politeísmo (tendo conhecimento que politeísmo é diferente de paganismo). Deve-se constar, também, que alguns aspectos do neopaganismo contém práticas ritualísticas completamente novas, práticas religiosas que visam uma nova construção religiosa, mas sem perder o teor de reconstruir fontes religiosas folclóricas e étnicas (RUSSELL et al, 2019).

---

<sup>7</sup> Caldeus- povos que habitavam a região sul da Mesopotâmia, região essa que atualmente se encontra no território do Iraque, Síria e Turquia.

A bruxaria neopagã tem origem no movimento romântico<sup>8</sup> europeu no início do século XIX. O Iluminismo<sup>9</sup>, no final do século XVIII, havia implementado o ideal cético sobre o *paganismo*/bruxaria e outros tipos de superstições na Europa. Com os ideais com base no racionalismo, o cientismo, o ceticismo buscou deslegitimar e desmitificar a bruxaria e o movimento *pagão*. Decorrente disso, os românticos analisaram e percebeu-se que o racionalismo era tóxico quanto à percepção da humanidade e das emoções, então foi pondo em questão uma expressão artística menos racional, e mais emocional. Consequentemente, os românticos exaltaram em seus ideais o não-racional, o intuitivo. Com isso, tal movimento despertou o interesse na discussão sobre a bruxaria e as ações de caças às bruxas. Com isso, foi posto em pauta a legitimidade da Inquisição e a ação cristã contra outros cultos. Os pensadores iluministas que já haviam articulado e responsabilizado a Igreja Católica pelas ações inquisidoras, além dela ter causado a histeria da “caça às bruxas”. Em contrapartida há a necessidade de contra argumentar discursos que justificavam e legitimavam a ação da Inquisição, onde era argumentado que ela se justificava pois era necessária pois precisava-se lidar com a ameaça da prática da bruxaria (RUSSELL et al, 2019).

Foi a partir desses discursos (que buscavam legitimar a Inquisição, enquanto se voltava contra o pensamento anti-neopagão) que se deu início ao conceito associado a bruxaria moderna, que era: o culto da bruxaria moderna era resultante do paganismo pré-cristão. Esse ideal tornou-se central para a construção do imaginário do crer na bruxaria moderna, mesmo sendo fornecido por um movimento contrário, opositor. Tendo em vista que essa associação, que o movimento neopagão era fruto do *paganismo* pré-cristão, foi construída para argumentar de modo a legitimar a Inquisição, sendo um posicionamento contra cultural. Foi uma proposta para deslegitimá-la, não para promovê-la. Essa argumentação se construiu através de um processo de argumentação dialética, que articulava o ideal *pagão* pré-cristão, ou ideal da bruxaria medieval, e se ligava ao que estava se formando o neopaganismo, fazendo a crença emergente ser fundada através de um “mito fundador”, que estava ligado ao crer e expressão religiosa *pagão*. Contudo, em sua consonância com uma relação de “mito fundador”, os fundamentos da bruxaria moderna se moldaram através do imaginário *pagão* pré-cristão, sincretizando/ adaptando certos ideais e práticas religiosas. Esse

---

<sup>8</sup> Romantismo- o romantismo foi um movimento artístico que privilegiava as emoções do eu-lírico, tal como enaltecia-se a natureza, além do folclore. Ele surgiu na Europa no século XVIII, no contexto revolução industrial e ao Iluminismo.

<sup>9</sup> Iluminismo- movimento intelectual que surge na França e ganha popularidade no século XVIII. O pensamento iluminista tinha como base pensamento construído a partir da razão em contrapartida da fé/ crenças/ superstições.

processo ajudou a promover o crescimento e desenvolvimento de tal prática religiosa, para o que é a bruxaria neopagã em um todo (RUSSELL et al, 2019).

O uso do termo neopaganismo tem sido muito abordado por escritores, desde o 1970, pois é usado para identificar movimentos religiosos emergentes que enfatizam o panteísmo e/ou a veneração da natureza, ou que visam reconstruir aspectos históricos da prática politeísta. Porém, alguns cientistas linguísticos preferem o uso do termo “paganismo contemporâneo” para designar movimentos religiosos politeístas emergentes. A problemática do termo “neopagão” está em torno de que ele designaria aos *pagãos* que cultuassem uma prática cultural histórica tradicional, enquanto o termo “paganismo contemporâneo” designaria para adeptos de movimentos religiosos modernamente construído. Ou seja, o neopaganismo e paganismo contemporâneo representariam linhas teológicas diferente, respectivamente, um estaria ligado à uma linha tradicional; enquanto o outro à uma linha teológica inovadora. Ademais o neopaganismo está atrelado a processos sincréticos visando sua validação social. Exemplo disso seria a religião Wicca e o Neoxamanismo, ambas linhas tradicionais transfiguradas de modo a se encaixarem no meio social (RUSSELL et al, 2019).

## CAPÍTULO 2

### O CRISTIANISMO, DA SUA PERSEGUIÇÃO À SUA ASCENSÃO NO IMPÉRIO ROMANO NOS PRIMEIROS IV SÉCULOS DEPOIS DE CRISTO

Neste segundo capítulo buscarei desenvolver uma linha teórica na qual consta a história do Cristianismo. Mostrarei a estrutura de poder dessa instituição religiosa antes da ascensão do seu poder na sociedade romana (entre os séculos I e IV). Apontar como o Cristianismo passou de um culto marginalizado e dominado e passa a ser um culto dominante e marginalizador. Apresentar os aspectos religiosos que foram transfigurados no ideal cristão. Além de questionar a estrutura religiosa cristã e como seu poder e culto são exercidos.

No momento inicial da propagação da fé cristã em Roma é percebido inúmeras ações persecutórias quanto a fé cristã. Vários mártires<sup>10</sup> cristãos foram criados, como por exemplo Santo Estevão, que foi uns dos primeiros mártires do Cristianismo. Ele foi perseguido e morto por recusar renunciar sua fé cristã. Como ele houve outras figuras importantes para o Cristianismo que foram mártires, tais como: São Pedro (morto em 64 d.C, durante o governo de Nero), São Simão (morto após negar-se abdicar a fé cristã). Por conta dessa repressão ao culto cristão, a celebrações e adorações cristãs eram realizadas nas próprias casas dos cristãos. Que por muitas vezes não fazerem sacrifícios aos deuses *pagãos* eram ditos como ateus (CASTOLDI, 2014). A população pagã do Império Romano não demonstrava um convívio harmonioso com os cristãos. E isso se dava por dois possíveis fatores que são debatidos até a contemporaneidade. Irei abordar ambos fatores no decorrer deste capítulo (SILVA, 2011; FONTOURA, 2013).

Uns dos possíveis fatores para a perseguição do culto cristão em Roma nos primeiros IV séculos tem a ver com o fato dos cristãos não adorarem os deuses greco-romanos. E esse tipo de negação à adoração aos deuses botava em risco o “*pax deorum*” (“paz dos deuses”), conceito no qual se os deuses não fossem adorados mesmo por uma pequena parcela da população, isso causaria a fúria divina. Ou seja, a perseguição dos cristãos estava atrelada a uma superstição onde o culto cristão causaria a fúria divina decorrente da negação ao reverenciar as divindades regionais

---

<sup>10</sup> Mártir- “pessoa que foi sacrificada e morta por não abdicar de suas convicções ou seus ideais (...)” (YOUSSEF et al, 2008).

tradicionais. E esse tipo de fúria resultaria em um desastre sobre o Império Romano (SILVA, 2011; FONTOURA, 2013).

Contudo, há outra linha de raciocínio na qual afirma-se que a perseguição dos cristãos se deu por conta que os cristãos se negavam a fazer ritos, sacrifícios e adorar os deuses do panteão greco-romano. Além de não fazerem a apostasia do credo aos deuses. E derivado disto, a postura dos cristãos punha em questionamento o poder das autoridades imperiais romana. Tendo em vista que, essa tal postura era uma forma de desobediência ao poder das autoridades. Ou seja, nesta linha de pensamento, a perseguição dos cristãos não se deu a partir de uma superstição, e sim de uma disputa de poder (SILVA, 2011).

No ponto de vista dos pagãos romanos, o culto cristão era um culto híbrido. Pois apresentava junto aos seus ideais, os ideais dos demais cultos presentes no Império Romano. O que causava um certo desconforto, rejeição até repulsa ao culto cristão. Já que o resultado dessa hibridação era visto como forma de culto que não era classificável, era ambíguo, impuro e anormal. A perseguição aos cristãos se argumentava além disso, pois também se argumentava através do “mos maiorum” (“o costume dos ancestrais”) e do respeito à unidade religiosa e moral coletiva tradicional (SILVA, 2011).

## **DA PERSEGUIÇÃO DO CULTO CRISTÃO À ASCENSÃO**

Durante o governo do imperador Nero (54-69), no ano de 64, o Cristianismo era afirmado como uma religião ilegal e ilícita em Roma. Onde a prática religiosa dele era penalizada com a prisão, condenação e a pena capital. Como forma de repreender a forma de expressão religiosa cristã, fazendo-a ser marginalizada, censurada/ silenciada (SILVA, 2011).

Era fato que as províncias de Roma se ergueriam desfavoráveis a comunidade cristã. Naquele momento era encontrado uma incompatibilidade entre os cristãos, os monoteístas não-cristãos, e os pagãos. Tendo em vista que a comunidade cristã se negava a cultuar o imperador com divindade, a deusa Roma, as grandes e pequenas divindades, sendo que esses cultos garantiam a manutenção do poder do Império Romano e do imperador (SILVA, 2011).

No início do século III, neste período data-se um escrito de Lúcio Septímio (193-211), imperador de Roma. Neste escrito relata-se a proibição da conversão ao judaísmo e ao cristianismo. As consequências deste documento se estenderam por todo Império. Em relato de Eusébio de Cesareia (bispo cristão) dizia como era a perseguição perpetuada por Áquila, govenador de

Alexandria do Egito. Tal perseguição levou muitos cristãos ao martírio (EUSEBIO apud SILVA, 2011).

Tendo em vista a crescente conversão ao Cristianismo pelos pagãos romanos no século III, o culto cristão foi declarado como o principal inimigo interno do Império Romano. Pois tal culto questionava os valores e a moral romana, perturbavam o *pax deorum* e punham em risco a manutenção do poder do Império (SILVA, 2011).

Em 250, o imperador Décio (259-251) emitiu um decreto no qual obrigava a todos os cidadãos do Império Romano a fazerem sacrifícios aos deuses tradicionais pagãos, isso perante uma autoridade imperial. Feito os sacrifícios era recebido um certificado, o *libellus*. Esse decreto é resultante do aumento da pressão germânica sobre o Império Romano. Depois de tal decreto importantes líderes das comunidades cristãs foram perseguidos, martirizados, ou postos em fuga do Império. Com tal documentação foi possível fazer o mapeamento dos cristãos, persegui-los e prende-los. Pode-se observar como tal política é de certo modo bem-sucedida e eficaz. Tendo em vista que as comunidades cristãs perseguidas caíram na apostasia sem seus líderes; e acabavam por renunciar sua fé e negar o Cristianismo, e em seguida, realizavam os tais sacrifícios necessários (SILVA, 2011).

Após a morte de Décio, em 257, Valeriano promulgou dois éditos em conjunto com o Senado de Roma. Nestes éditos estabeleceriam as diretrizes da perseguição e a ilicitude do Cristianismo. Pois as autoridades afirmavam que o Cristianismo tinha um caráter hostil para o Império Romano. Os éditos persecutórios promovidos por Valeriano visavam a destruição das comunidades cristãs através do confisco dos bens. Além da destruição física e moral das suas principais lideranças (SILVA, 2011).

Com a morte do imperador Valeriano em 260, as políticas violentas de censura e perseguição aos cristãos mudariam. Galieno, filho do co-imperador de Valeriano, promulgou um rescrito no qual devolvia os lugares de cultos e os bens dos cristãos. Embora, ainda não tornava tal religião lícita. Nesta temporalidade o Império Romano se encontrava uma crise administrativa e financeira. Resultante disto, o Cristianismo se enraizava e espalhava suas ideologias por toda extensão do território Romano. Tal processo se tornou tão bem instaurado que nem mesmo as posteriores políticas anticristãs de Diocleciano foram capazes de enfraquecer tal movimento (SILVA, 2011).

Em 284, Diocleciano assumiu o Império, este que se encontrava em crise, tanto interna, quanto externa. Tendo problemas políticos, militares, sociais e financeiros. Uns dos motivos de tal crise eram: as invasões germânicas no Reno-Danubiano, o movimento bagáudico e o conflito interno entre os cristãos e pagãos. E como de forma de superar tal crise, Diocleciano implementa o exercício colegiado do poder imperial, mais conhecido com a Tetrarquia. Um sistema político que baseava a promoção da concórdia e a uniformidade do Império Romano. Então entre 293-303, ocorreram importantes reformas quanto a organização política e territorial do Império. Como a reorganização das províncias, fixação dos preços e o aumento das legiões. Tais reformas demonstravam o caráter da proposta da uniformização e unificação de Diocleciano (SILVA, 2011; FONTOURA, 2013; CALAN 2007).

No início da primeira década dos anos 300, Diocleciano buscou estabelecer através de decretos a pureza moral e religiosa do Império Romano. Afirmando que o respeito às puras e veneráveis leis romanas fariam com que os deuses fossem mais indulgentes com Roma. Então em 303 a comunidade cristã se apresentava perante Diocleciano e a Tetrarquia como um obstáculo para alcançar a pureza moral romana, como, também, um obstáculo para conquistar a concórdia e a uniformidade/ homogeneidade romana, nas quais embasavam as políticas do imperador Diocleciano (SILVA, 2011; CARLAN, 2007). Resultante disso, foram promovidos uma série de éditos nos quais promoviam a perseguição dos cristãos. No primeiro édito, exigia a censura de todas as escrituras e obras cristãs -ficando assim em posse das autoridades imperiais-, sob pena de aprisionamento dos contrários de tal norma. Ademais, as igrejas cristãs foram demolidas, os cristãos foram proibidos de venerar sua fé, além de serem proibidos de fazerem alegações em juízo. Os cristãos da elite romana foram privados de seus privilégios, cristãos libertos e/ou escravos foram aprisionados. No segundo édito, era ordenado o aprisionamento dos bispos, diáconos e clérigos. Enquanto no terceiro édito, era afirmado que apenas após realizar um sacrifício aos deuses que o cristão estaria livre da prisão. Por último, no quarto édito comportava que sobre ordens gerais os sacrifícios eram negados a morte (SILVA, 2011, FONTOURA, 2013).

Tais políticas promovidas por Diocleciano passavam por cima da escritura de Galieno. Na qual permitia e devolvia aos cristãos os espaços para as celebrações dos seus ritos religiosos.

A perseguição do culto cristão no Ocidente do Império Romano não se manteve depois da abdicação de Diocleciano e de Galério Maximiano em 311. Contudo, no Oriente a perseguição aos cristãos se manteve sobre o comando de Maximino Daia, este possuía uma postura extremamente

anticristã. Galério quando doente promulgou a sua palinódia<sup>11</sup>, admitindo seu insucesso na perseguição, e de suas medidas que tinham como objetivo fazerem os cristãos abdicarem de suas e fés e voltarem a adorar os deuses do panteão greco-romano. Nesta palinódia, Galério também permitiu que os cristãos retomassem a sua religião e seus lugares de culto (SILVA, 2011; FRANGIOTT, 2006; CARLAN, 2018).

Com as políticas anticristãs de Maximíno ameaçando as comunidades cristãs, é realizado então em 311 depois de Cristo, o édito de Galério, no qual incluía o deus dos cristãos no conjunto de divindades que guardavam o Império Romano, e também, proibia a perseguição aos cristãos. Pois extinguiu os antigos éditos persecutórios aos cristãos. Esse documento abriu margem, e formou uma base na qual ajudaria a construir uma nova relação entre esta religião e o poder imperial romano. Isto no decorrer do século IV durante e depois do governo de Constantino I (FONTOURA, 2013; FRANGIOTT, 2006; CARLAN, 2018).

Com o édito de Galério, o Cristianismo deixa de ser uma religião ilícita, e passa a ser um culto lícito. E com a vitória de Constantino (cristão) sobre a disputa pelo controle do império, a conferência imperial de Milão, sendo assinado o Édito de Milão, além da derrota do anticristão Maximíno Daia perante Licínio, tais fatos vieram para consolidar com o novo panorama religioso-político do Império Romano. Panorama esse que tornaria o Cristianismo, em 313, de religião perseguida e ilícita, em uma religião legítima, lícita e favorecida pelos imperadores (SILVA, 2011; FRANGIOTT, 2006).

## **QUANTO AOS RITOS, IMAGENS E ASPECTOS RELIGIOSOS CRISTÃOS NOS PRIMEIROS IV SÉCULOS D.C**

Como em toda sociedade multicultural onde um poder cultural central é definido a partir de articulações e movimentações políticas, o surgimento de um novo fator cultural é admitido como uma forma rival do poder dominante. Assim se fez em Roma quando o Cristianismo ainda engatinhava para se firmar uma cultura legítima e válida nos primeiros IV séculos depois de Cristo. Os conflitos que abriram relações entre as demais culturas e o Cristianismo eram marcados com a negação da validade e do caráter da ideologia cristã. A cultura *pagã* greco-romana açoitava a relação entre si e a comunidade cristã. A perseguiu e condenava como forma de repreender e enfraquecer o movimento cristão.

---

<sup>11</sup> PALINÓDIA- retratação de algo dito, ou feito a alguém. Podendo ser estruturada em forma de poema.

Quando se qualifica o culto cristão antes de sua ascensão no Império Romano, é vista a disparidade do mesmo quanto ao culto cristão contemporâneo. Em específico a religião católica apostólica romana. Pois nos primeiros séculos de seu desenvolver o culto cristão apresentava diferentes fatores religiosos, esses decorrentes por fatores hegemônicos nos quais moldaram o crer cristão. O culto cristão como forma de melhor integração ao imaginário romano-religioso faz uso de uma ferramenta na qual insere aspectos religiosos *pagãos* em seu imaginário sacro. Aspectos esses como: a comemoração do Natal, que primeiramente se celebrava o nascimento do Deus Sol no imaginário *pagão*, realizado no solstício de inverno, onde na mitologia pagã, o Deus Sol renasceria trazendo, assim, esperança aos povos e fiéis. Enquanto no imaginário cristão era celebrado o nascimento de Cristo, o Salvador, realizado no dia 25 de Dezembro (solstício de inverno), que absorvia todo o simbolismo da celebração do culto *pagão*. Além disso, outros ritos pagãos foram transfigurados para a fé cristã. Como: rituais de iniciação em uma comunidade cristã, períodos preparatórios para iniciação, jejuns, vigílias, e a fé na regeneração da alma (FRANGIOTTI, 2006).

Ademais, é necessário destacar um aspecto religioso que marca a fé cristã e que foi derivada do culto *pagão*, isto é, o culto das imagens. No início do processo de ascensão, o Cristianismo repugnava o culto das imagens, pois segundo os ideais cristãos, as representações divinas em obras, como estatuas, pinturas, cerâmicas nada mais eram uma expressão do imaginário que os Homens tinham sobre o que era divino. E sendo o Homem algo não divino, tais representações não possuíam validade sacra, eram somente objetos irrelevantes para adoração. E se os fiéis cultuassem determinadas figuras representando algo divino, eles estariam adorando a figura, a representação, não a divindade. Não obstante, no século IV, com o Cristianismo se tornando tolerável, houve algumas movimentações nas quais, inspiradas na arte grega *pagã*, as igrejas decoravam e faziam representações do divino (somente se não tivessem características humanizadas). No século VI, o Papa Gregório Magno possibilita mudar tal aspecto religioso, fazendo possível aos poucos o culto às imagens tolerável. Em um ato político, Gregório censura o bispo de Marselha por destruir certas imagens que estavam sendo adoradas: “é certo que a adoração de imagens é um mal, mas as imagens, não obstante, são úteis e deveriam ser tratadas com respeito”. Sendo assim, dando margem a adoração a imagens (FRANGIOTTI, 2006).

Uns dos motivos pelo qual o Cristianismo foi perseguido e censurado em Roma nos primeiros IV séculos, era devido a sua estrutura religiosa na qual questionava e contrariava o credo

*pagão*. Onde rejeitava-se e problematizava o culto dos astros, a magia prática, a adivinhação e outras práticas politeístas, nas quais eram incoerentes com a concepção cristã de adoração exclusiva ao um Deus único e supremo. Tratavam o crer pagão como superstição, onde os praticantes estavam influenciados por demônios. Além de rejeitar o credo politeísta, o Cristianismo afirmava que os deuses *pagãos* eram somente homens divinizados, idealizados como ídolos e divindades, questionando, assim, a sacralidade das divindades *pagãs* (FRANGIOTTI, 2006). Porém, com o decorrer e desenvolver da instituição cristã houve o culto e a pregação de santos, que nada mais são que indivíduos divinizados. Tidos como pessoas com ligação ao Deus supremo cristão, tornando pessoas divinizadas, contrariando, conseqüentemente, o que era imposto pelos primeiros cristãos.

A concepção do culto cristão adentra muitas relações políticas-sociais. A forma no qual ele se funde com certos aspectos *pagãos* como forma de resistência, de estratégia e legitimação do seu credo reforça ainda mais a ideia do sincretismo religioso. Onde uma sociedade multifacetária haverá sempre um poder central, e os poderes circunjacentes estarão em movimentações nas quais será necessário em algum momento a inserção de algum aspecto do poder central. Tal como ocorrer com o Cristianismo na sua historiografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tudo que foi apresentado neste dito projeto, pode-se entender que, quando se observa as relações multiculturais em uma sociedade é entendido que as ideologias dominantes impõem seu poder sob as ideologias dominadas. E quando isso ocorre há processos e formas de resistência a esse tipo fenômeno. Neste projeto foi desenvolvido como esses processos ocorrem em Roma. É apresentado, também, as formas como as ideologias dominadas se articulam para resistirem as opressões. Neste caso, como o Cristianismo se articula para resistir a perseguição e opressão do paganismo romano.

Como apresentado no decorrer do projeto, as formas como as culturas se interagem e em alguns momentos se tornam intrínsecas são demonstrações de sincretismo culturais. Sincretismo esse que busca a legitimação e afirmação como válida uma cultura no âmbito social. A forma como Cristianismo faz uso desse artigo faz com que ele se torne mais familiar no pensamento cultural romano. Mesmo quebrando muitos paradigmas já estabelecidos, o aspecto sincretizado faz com que essa ruptura se torne amena.

Tendo em vista tudo o que foi transposto, é possível dizer que muitas culturas são derivadas de processos sincréticos. O paganismo romano, a crenças afro-brasileiras, o Cristianismo são exemplos disto. Como tal, as sociedades e povos estão sempre realizando trocas e inteirações culturais incentivadas por modos de resistências à determinadas formas de opressões e violências, e fazem com que as relações culturais se mantenham vivas, sempre passíveis de assimilações/mudanças. Fazendo perceber que as culturas estão em constantes adaptações, dependendo da temporalidade, espaço e relação cultural.

A forma como esse projeto problematiza esse sincretismo entre cristianismo-paganismo está na forma como o culto dominado (posteriormente dominador) se articula após as várias assimilações culturais observadas. O Cristianismo após assimilar algumas características do culto *pagão*, o desqualifica e começa a marginalizá-lo. Apoiada por ideais políticos, a instituição igreja faz com que seu poder e dominância se discorra a partir de fatores hegemônicos já existentes, como ritos sacros pré-existentes e deidades com semelhantes características ao credo pagão romano. Há outros momentos onde as deidades são sincretizadas, porém são transfiguradas de modo a distorcer as formas nas quais elas são lidas. Comumente, tais divindades são afirmadas como demônios no credo cristão, ou seja, os inimigos da igreja e do povo.

Em uma sociedade nem todas relações culturais estão em conflitos de poderes e dominância. Mas há sempre a busca pela a legitimação e validação. Isso sendo resultado de movimentações para se dar continuidade e força ao que defendido por certa cultura.

A busca do Cristianismo pela sua legitimação e permanência no ideal romano fazendo uso do sincretismo religioso é válida. E o papel desta análise é perceber e entender que no decorrer do desenvolver da cultura humana é perceptível movimentos de opressões e resistências. As formas como os poderes centrais se articulam de modo a reprimir um poder emergente. Perceber que quando há a troca de papéis em uma sociedade, comumente, é reiterado a forma como a sociedade é organizada, havendo sempre uma cultura dominadora e outra dominada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Bernadettes S. et al. *História da Filosofia. Entre a fé e a razão*. SP, Nova Cultural, 1999. p. 93-101;

AGNOLIN, Adone. “*História das Religiões- Perspectiva histórico-comparativa*”. SP. Portal Paulinas, 2013. p. 23-25; <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=SUKaDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Hist%C3%B3ria+das+Religi%C3%B5es-+Perspectiva+hist%C3%B3rico-comparativa&ots=oZ8xjBNhuj&sig=gjp1B3o1ILG84kpy1FSbsmwOsYg#v=onepage&q=Hist%C3%B3ria%20das%20Religi%C3%B5es-%20Perspectiva%20hist%C3%B3rico-comparativa&f=false> <acesso: 01/04/2021 às 01:30;

ALEXANDER, Brooks. “*Bruxaria como paganismo: Jarcke, Mone e Michelet*”. In: RUSSEL, Jeffrey. “*História da Bruxaria*”. SP. Editora Aleph, 2019. p. 179-184;

ALEXANDER, Brooks. “*Bruxaria Neopagã: o movimento*”. In: RUSSEL, Jeffrey. “*História da Bruxaria*”. SP. Editora Aleph, 2019. p. 205-214

BUCKLAND, Raymond. et at. “*O livro completo de Bruxaria de Raymond Buckland*”. SP; Editora Pensamento-Cultrix, 2019. p. 29-45;

CASTOLDI, Ticiano Saulo Scavazza. “*A IGREJA QUE CONQUISTOU UM IMPERIO: HISTÓRIA DA ASCENSÃO DO CRISTIANISMO NO IMPÉRIO ROMANO*”. RS; Centro Universitário UNIVATES. 2014. p. 30- 45;  
<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/625/1/2014TicianoSauloScavazzaCastoldi.pdf>  
<acesso: 12/05/2021 às 15:00;

CARLAN, Claudio Umpierre. “*VIDA E MORTE NO MUNDO ANTIGO: A TETRARQUIA E A ÚLTIMA PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS (303 – 311)*”. Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 3, n. 1, 2018. p. 413-421; <file:///C:/Users/luisr/Downloads/1175-Texto%20do%20artigo-8201-1-10-20180324.pdf> <acesso: 04/04/2021 às 15:50;

CARLAN, Claudio Umpierre. “*O MUNDO ROMANO NO SÉCULO IV: DECADÊNCIA OU REESTRUTURAÇÃO*”. SP, Revista de História e Estudos Culturais, v.4, n.1, 2007. p. 1-18;  
<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/758/721> <acesso: 04/05/2021 às 15:55;

CRUZ, Marcos Silva. “*Religiosidade tardo antiga e a Cristianização do Império Romano*”. Revista Territórios e Fronteiras V.3 N.2, 2010, p. 295-315, Jul/Dez 2010;

FERRETI, Sérgio. “*Multiculturalismo e Sincretismo. SP: Publicado in: O futuro das religiões na sociedade global. Uma perspectiva multicultural*”; 2008-  
<http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/183/1/Multiculturalismo%2520e%2520Sincretismo.pdf> <acesso: 14/11/2019 às 10:18;

FONTOURA, Odir. “*A transição paganismo-cristianismo antes e depois da queda de Roma: uma comparação das obras A Cidade de Deus de Agostinho de Hipona e Etimologias de Isidoro de Sevilha*”. RS; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013-  
[https://www.academia.edu/36494265/FONTOURA\\_ODIR\\_A\\_transi%C3%A7%C3%A3o\\_paganismo\\_cristianismo\\_antes\\_e\\_depois\\_da\\_queda\\_de\\_Roma\\_uma\\_compara%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_s\\_obras\\_A\\_Cidade\\_de\\_Deus\\_de\\_Agostinho\\_de\\_Hipona\\_e\\_Etimologias\\_de\\_Isidoro\\_de\\_Sevilha\\_2013](https://www.academia.edu/36494265/FONTOURA_ODIR_A_transi%C3%A7%C3%A3o_paganismo_cristianismo_antes_e_depois_da_queda_de_Roma_uma_compara%C3%A7%C3%A3o_da_s_obras_A_Cidade_de_Deus_de_Agostinho_de_Hipona_e_Etimologias_de_Isidoro_de_Sevilha_2013) <acesso: 27/02/2021 às 12:00;

FRANGIOTTI, Roque. “*CRISTÃOS, JUDEUS E PAGÃOS: acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo*”. SP; Editora Idéias & Letras, 2006. p. 29-35-  
<https://www.portalconservador.com/livros/Roque-Frangiotti-Cristaos-Judeus-e-Pagaos-Acusacoes-Criticas-e-Conflitos-no-Cristianismo-Antigo.pdf> <acesso: 10/01/2021 às 12:30;

LANGER, Jhonnin e CAMPOS, Luciana. “*THE WICKER MAN: REFLEXÕES SOBRE A WICCA E O NEO-PAGANISMO*”. SP, Revista de História e Estudos Culturais, 2007-  
<http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/ARTIGO.2.SECAO.LIVRE-JOHNLI.LANGER.pdf>  
<acesso: 14/11/2019 às 10:34;

LEMOS, Márcia S. “*Os embates entre cristãos e pagãos no Império Romano do século IV: discurso e recepção*”. Dimensões, vol. 28, 2012. p. 154-171;

ON LINE EDITORA. “*Guia da Inquisição: A Arma Fatal da Igreja Católica*”. 1.ed. SP. On Line Editora, 2016. p. 06-97;

PINTO, Paulo Gabriel Hilu. “*Transformações no paganismo romano*”. RJ, Phoênix, 1997. p. 343-369;

SANTOS, Arnaldo do Espírito. “*Conflito e Trauma: da profanação da cidade pagã à sacralização da sociedade cristã: trauma, conflito e violência*”. PT, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2015, p. 317-324.  
[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33434/1/Braga\\_Conflito\\_e\\_Trauma.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33434/1/Braga_Conflito_e_Trauma.pdf)  
<acesso:21/04/2020 às 11:30;

SILVA, Kalane e SILVA. H. Marciel. “*Dicionário de Conceitos Históricos: ‘Politeísmo’*.” SP; Contexto, 2009. p. 331-334;

SILVA, Diogo Pereira da. “*AS PERSEGUIÇÕES AOS CRISTÃOS NO IMPÉRIO ROMANO (SÉC. I-IV): DOIS MODELOS DE APREENSÃO.*”. Revista Jesus Histórico, v. 7, p. 29-44, 2011-  
<https://klineeditora.com/revistajesushistorico/arquivos7/ARTIGO-DIOGO-DA-SILVA.pdf>  
<acesso: 28/02/2021 às 15:00;

TAVARES, Júlio Cesar. “*DOCE DE COSME E DAMIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CASO DE SINCRETISMO*”. Revista Diálogos – N. ° 11, 2014. p. 22-40-  
[http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos\\_11/pdf/Cosme\\_Damiao\\_julio.pdf](http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_11/pdf/Cosme_Damiao_julio.pdf) < acesso:  
13/11/2019 às 00:20;

THOMPSON, E.P. et al. “*Costumes em comum- introdução “costume e cultura”*”. SP Companhia de Letras, 1998, p.13-24;

VENTURINI, Renata Lopes B. “*Visão Pagã e Visão Cristã no Baixo Império Romano*”. RJ; Phoênix, 1996. p. 299- 312.

YOUSSEF, Antonio Nicolau. et al. “*Dicionário Escolar da Língua Portuguesa/ Academia Brasileira de Letras. 2.ed*”. SP. Companhia Editora Nacional, 2008. p. 831.